

OS NOMES DADOS PELO OUTRO - UM RECORTE CLÍNICO SOBRE HOMOFOBIA

Jessyca Emanuelle Veloso Barbosa¹; Maria Clara Fagundes Nogueira²; Sara França Castro³; Silvia Reis Soares⁴

¹ Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário FIPMOC (UNIFIPMoc),

² Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário FIPMOC (UNIFIPMoc)

³ Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário FIPMOC (UNIFIPMoc)

³ Professor do Centro Universitário FIPMOC (UNIFIPMoc)

Introdução

O atual resumo trata-se de um recorte feito através da discussão entre três acadêmicas de Psicologia que, em suas escutas clínicas, acolheram situações de homofobia e da vivência LGBTQIAP+. Foi decidido que esse relato não traria muitas especificidades sobre os casos discutidos em supervisão, pois é necessário cautela para proteger a identidade dos pacientes atendidos, considerando a delicadeza do assunto e dos relatos feitos.

Desde o primeiro momento, a Psicanálise trouxe um olhar outro para a homossexualidade. Freud (1901-1905), já dizia de uma predisposição originalmente bissexual do sujeito ainda no início de sua vida, podendo mudar ou não no futuro. Alguns anos depois, em uma carta a mãe de um homossexual que buscava por sua “cura”, o fundador da psicanálise afirma que, da mesma forma que não é uma vantagem, a homossexualidade também não é uma degradação, um vício ou algo para se envergonhar, passando longe de ser uma questão patológica (IANNINI, 2019).

Diante desse panorama, podemos explorar ainda as nuances do estágio do espelho em Lacan (1949), uma fase crucial no desenvolvimento psicosssexual da criança. Assim, o estágio do espelho é concebido como um momento em que a criança identifica uma imagem unificada e coerente de si mesma no espelho. Esse processo é vital para a formação da identidade, influenciando a maneira como o sujeito percebe a si mesmo e, por conseguinte, sua relação com o desejo. Destarte, associar o estágio do espelho à discussão sobre homofobia permite-nos compreender como as pressões sociais moldam não apenas a identidade do sujeito, mas também sua relação com o desejo e a expressão de sua sexualidade (SCARANO; PERTILE, 2021).

Para além disso, ao se pensar na lógica edípica de pai/ masculino/ castrador e mãe/ feminina/ materna, muitos psicanalistas ainda implicam que os pais surgem como figuras que devem cumprir seus papéis naturais, fator que por consequência levaria ao desenvolvimento natural e saudável da criança, embasada na heterossexualidade (SOUZA, 2010). Isso permite dizer que a homossexualidade seria decorrente de uma travessia falha no Édipo ou uma travessia equivalente à perversão (OLIVEIRA, 2023).

Lacan previu que, para ter sentido na atualidade, algo precisa ser considerado normal. Ele antecipou que a homossexualidade seria normalizada, chegando ao ponto em que as pessoas buscarão a psicanálise dizendo: “Estou aqui porque não tenho sido normalmente homossexual. Lacan explicou que a palavra “norma” foi criada a partir de um substantivo grego raro, inexistente no discurso antigo (POLLO, 2017).

Nesse sentido, pensando ainda na perspectiva clínica, para Lacan (1988), uma análise confere à função do desejo, sendo este o fundamento da sua ética. Cabe ao analista, então, compreender que a gênese moral do analisando não se enraíza em outro lugar senão no próprio desejo. Portanto, não é papel da psicanálise utilizar os princípios teóricos para moralizar ou patologizar, evitando que se torne um instrumento para estabelecer normas e determinar o que é correto ou falho (OLIVEIRA, 2023). A escuta deve ser guiada pela inclusão da singularidade no campo do discurso, assim como diz Lacan nos Escritos: “deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (LACAN, 1998, p. 321).

Material e Métodos

A discussão relatada é resultado das supervisões ocorridas no Núcleo de Atenção à Saúde e Práticas Profissionalizantes (NASPP), durante as práticas de estágio clínico do 10º Período, mediadas pela supervisora Sílvia Soares e orientadas pela abordagem psicanalítica. O NASPP, por sua vez, é uma clínica-escola que está inclusa na formação dos cursos vinculados à área da saúde no Centro Universitário FIPMoc – UNIFIPMoc, constituindo-se como um espaço de práticas supervisionadas, essenciais à formação discente. Trata-se de uma prestação de serviços ao município de Montes Claros/ MG, associado à rede de serviços de saúde e de educação. São disponibilizadas diversas modalidades assistenciais em variadas especialidades, incluindo a Psicologia com atendimento de psicoterapia e plantão psicológico.

O acesso ao serviço de Psicologia no NASPP dar-se-á por demanda espontânea ou por encaminhamento do serviço público de saúde e educação. Além de escuta da urgência psicológica, o plantão de psicologia é a via de acesso à psicoterapia na clínica escola – depois de acolhida a queixa no plantão, pode-se, a partir de critérios indicativos, encaminhar à psicoterapia para continuidade do processo terapêutico. Em consonância com este fluxo de acesso, a discussão feita foi baseada em relatos de pacientes atendidos durante a prática clínica de orientação psicanalítica. O percurso dos atendimentos possibilitou descortinar aspectos em comum de histórias sobre a vivência LGBTQIAP+ e os relatos de homofobia.

Desenvolvimento

Na teoria psicanalítica, a regra fundamental é a associação livre, isto é, um método ao qual o paciente se entrega e através dele pode-se descobrir alusões às vivências recalçadas e às reações contra elas, identificando repetições de afeto pertencentes ao recalçado (FREUD, 2017). Sendo este o método utilizado para realizar esse trabalho, foi possível escutar, de pacientes homossexuais, muitos significantes que foram estabelecidos e recalçados a respeito da sexualidade de cada um.

Um dos pacientes trouxe em seus relatos os vários apelidos que recebeu quando era criança. Foi chamado de “viado”, “bicha” e sua performance de gênero era extremamente criticada por seus familiares e colegas durante a infância. Como consequência disso, diz ter ficado um “buraco”, comparando-o com um “osso fraturado dentro de si”. Na sua vida adulta, confessa ter “preconceito contra si mesmo” e outros homossexuais uma vez que, ainda que tenha assumido sua sexualidade, tomou para si todos os rótulos que recebeu enquanto não agia da maneira que os outros demandavam.

Em suas relações amorosas, os nomes dados pelos outros ainda reverberam. Por um lado, não se sente atraído por homens gays que são menos masculinos que ele. Por outro lado, se encontra sempre com parceiros que dirigem nomes homofóbicos a ele, como por exemplo um parceiro que o chamou de “bicha gorda”. Em associação livre, depois de um percurso de reflexão, o paciente notou que as ofensas ditas pelos parceiros, muita das vezes, apontavam para as nuances das sexualidades deles que eles não sabiam como sustentar, então projetavam no outro. Da mesma maneira, admitiu para si que, quando se incomoda com outros gays mais afeminados, sabe que é também é algo de uma origem subjetiva.

Outro paciente, ao chegar ao serviço, disse que havia procurado ajuda pelo fato “da vida dos gays ser muito difícil”. Apesar do tom irônico, a partir dessa fala, foi possível que fosse colocadas suas questões com a sexualidade e seu corpo. O paciente em questão era dançarino e utilizava no dia a dia roupas específicas de sua profissão. Na fala dele, sempre aparecia um incômodo em relação aos nomes que lhe eram dirigidos, pois saía na rua com essas roupas, além do assédio que sofria. No entanto, ele estava disposto a continuar passando por esse sofrimento para não deixar de ser quem de fato é, e via isso como um ato de resistência.

Conclusão

Desde os fundamentos estabelecidos por Freud, que desmistificou a homossexualidade como patologia, até a visão lacaniana que coloca o desejo como fundamento ético, percorremos um caminho teórico que ilumina a complexidade da formação da identidade sexual. A introdução do estágio do espelho de Lacan permitiu-nos vislumbrar como as pressões sociais, especialmente no desenvolvimento infantil, moldam não apenas a identidade, mas também a relação do sujeito com seu próprio desejo, estabelecendo vínculos com as manifestações da homofobia.

Na perspectiva clínica, Lacan nos lembra da importância do desejo como base ética. Entender que o princípio moral do analisando está intrinsecamente ligada ao desejo e é crucial, especialmente quando confrontamos a homofobia. A ética do analista, então, se desdobra na habilidade de desvelar as influências sociais que permeiam a construção do desejo, desafiando ativamente as normas

discriminatórias.

A escuta clínica revelou narrativas de homofobia internalizadas desde a infância. Os relatos dos pacientes refletem a carga repulsiva atribuída à homossexualidade por figuras próximas, resultando em traumas que reverberam nas dificuldades dos relacionamentos homoafetivos e na relação consigo mesmos na vida adulta.

Em síntese, este trabalho permitiu um mergulho profundo na interseção entre homofobia, teoria psicanalítica e ética clínica. O objetivo de explorar como nomes e vivências na infância de pacientes homossexuais marcam suas vidas adultas foi alcançado, proporcionando uma compreensão mais rica e sensível das complexidades envolvidas. A Psicanálise, como instrumento de escuta e compreensão, destaca-se como uma ferramenta valiosa na abordagem dessas questões, promovendo uma ética clínica que se alinha à diversidade sexual e à superação das amarras da homofobia.

Referências

- FREUD, S. **Obras incompletas de Sigmund Freud (volume 6)**. Tradução: Cláudia Dornbusch. Editora Autêntica. Edição 2017
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016 (1901-1905).
- LACAN, Jacques. **O Seminário livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: 1988.
- LACAN, J. Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956 [1956]. In: LACAN, J. **Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- IANNINI, Gilson. **Caro Dr. Freud: respostas do século XXI a uma carta sobre homossexualidade**. São Paulo: autêntica, 2019.
- OLIVEIRA, Gustavo de Siqueira. **Da patologização à sexuação: uma crítica à homofobia em círculos psicanalíticos**. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.
- POLLO, Vera. Homossexuais, sim, mas no feminino. **Stylus (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 113-120, dez. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2017000200008>. acessos em 16 nov. 2023.
- SCARANO, Renan Cota Valle; PERTILE, Giovani Henrique. A questão da identificação em O estágio do espelho e sua relação com a alteridade em Jacques Lacan. **Analytica**, São João del Rei, v. 10, n. 19, p. 1-21, dez. 2021. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972021000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 nov. 2023.
- SOUZA, João Otávio Maia Leal de. **Terapias do “Armário”: clínica, ética e homofobia**. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília, 2010.